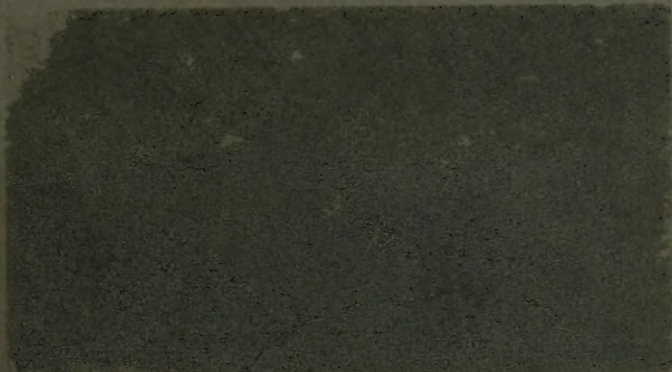


3 1761 07046183 5



PQ
9149
R42B7

A CENSURA

E O

CANCIONEIRO GERAL

POR

ANSELMO BRAAMCAMP FREIRE



COIMBRA

IMPrensa DA UNIVERSIDADE

1921

A CENSURA E O CANCIONEIRO

SEPARATA

DO

BOLETIM DA CLASSE DE LETRAS
DA ACADEMIA DAS SCIÊNCIAS DE LISBOA

Vol. XIV, n.º 1

A CENSURA

E O

CANCIONEIRO GERAL

POR

ANSELMO BRAAMCAMP FREIRE

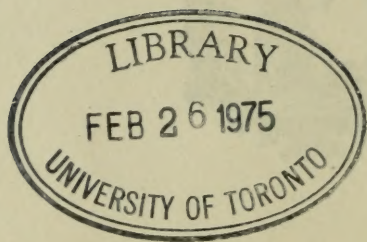


COIMBRA

IMPRESA DA UNIVERSIDADE

1921

PQ
9149
R42B7



*Constitui o presente labor a última comunicação
lida pelo autor à Academia das Sciências de Lisboa,
na sessão ordinária de 8 de Janeiro de 1920 da
Classe de Letras.*

Quando na primavera de 1516 por ordem de Garcia de Rêsende se começou a imprimir o *Cancioneiro geral*, em Almeirim, na oficina de « Hermã de Campos, alemã, bombardeyro delRey e empremidor », ainda não existia no reino a censura eclesiástica, sob o aspecto introduzido pelo filho de D. Manuel, em cujo reinado a obra vira a luz.

No *Rol dos livros defesos* mandado publicar em 1551 pelo cardial infante D. Henrique, inquisidor geral, apparecem condemnados a supressão sete autos de Gil Vicente, mas nenhuma referência se encontra relativa à compilação coordenada por Garcia de Rêsende.

Só acho mencionado o *Cancioneiro* no *Index librorum prohibitorum* impresso em 1581, em Lisboa, por ordem de D. Jorge de Almeida, arcebispo daquela diocese o inquisidor geral. Neste tomo, na sua segunda parte intitulada *Catalogo dos livros que se prohibem nestes Regnos & Senhorios de Portugal, etc.*, impressa porêem na mesma occasião, mas com frontispício e numeração especial de folhas, lê-se, entre os « Livros prohibidos em Lingoajem », o seguinte: « Obras de graças, zombarias, que andão no Cãcioneiro geeral, Portugues, ou Castelhana, no que toca a devação, & cousas Christãs, & da sagrada Scriptura: ou em outra qualquer parte onde estiverem. »

Aqui ficou registada a ameaça nunca levada a effeito por se não ter tratado da reimpressão do *Cancioneiro*,

pois que, se nesses tempos da censura inquisitorial, alguém tivesse pensado em publicar nova edição dêle, ver-se-hia então quam mutilada ela saíria dos prelos, como sucedeu à *Copilaçam das obras de Gil Vicente* impressa em 1586. Não obstante, é-nos possível conhecer o avultado número de passagens sujeitas à censura e o seu rigor em alterações e supressões, pois que no *Index auctorum damnatae memoriae*, publicado em 1624, vem transcrita toda a censura ¹. As referências porêm aos trechos censurados são pouco explícitas e parece-me ser de interesse, não só esclarecê-las, mas também tornar patente o critério inquisitorial revelado na sua censura.

Do *Cancioneiro geral* existem quatro edições: a magnífica de 1516 dada à estampa pelo próprio compilador, o jucundo Garcia de Rêsende, merecedor de imperecível aplauso e reconhecimento; a de Stuttgart de 1846 publicada sob a direcção do dr. E. H. von Kausler; a bela reprodução da primeira em fac-símile, mandada executar em 1904 pelo sr. Archer M. Huntington, na Vinne Press, e tirada de um exemplar existente na sua biblioteca; e finalmente a dirigida pelo benemérito sábio dr. Gonçalves Guimarães, impressa em Coímbra nos anos de 1910 a 1917.

Em ambas as edições mais acessíveis, tanto a de Stuttgart, como a de Coímbra, vem indicada à margem a numeração das folhas e das colunas da primeira edição, por tanto fácil será aos possuidores destas reimpressões confrontar nelas as citações da censura e minhas adiante indicadas.

Passarei agora a transcrever a Censura de 1624, intercalando os trechos por extenso sôbre que ela recaiu.

¹ De pag. 346 a pag. 349.

Cancioneiro gèral Portugues

Do Cancioneiro gèral em língoa Portugues impresso em Lisboa por Hernam de Campos anno 1516. se ha de emendar o seguinte.

Fol. 15. pag. 1. coluna 3. nas obras de Dõ Ioaõ de Menezes em a estancia, *Mas sy sois de mim culpado*, se risque o quinto verso.

sy myrais quien es my dios ¹.

Fol. 16. pag. 2. coluna 3. se risque toda a estancia, *Vejouos minha Senhora*, & acaba, *Nem por seu gram padercer*.

Vejouos, minha senhora,
naçida sem par no mundo,
vejo a mym que mylhor fora
ca me ver sem vos agora
ter m'a terra ja de fundo.
Vejome por vos penado,
vejo deos por vos fazer
ser de todos mays louuado
que por ser cruçeficado,
nem por seu gram padeçer.

Fol. 17. pag. 2. col. 3. huã grossa a *Memento homo quia pulvis es*, &c. começa, *Lembrate que es de terra*, se ha de tirar, *Memento homo*, &c. E tambem se risque a estancia, *Guai de tua fermosura*, & acaba, *pois me aqui pagar não queres*.

Goay de tua fremosura,
que conta lhe pediram
da perdida perdiçam
da minha triste ventura.
O dia da sepultura
pagaras quanto fezeres,
pois m'aquy pagar nã queres.

¹ As transcrições dos versos suprimidos tiro do próprio *Cancioneiro* e não da Censura inquisitorial, onde elas nem sempre apparecem correctas.

Fol. 19. pag. 2. col. 1. nas obras do Coudel mór se
risque hũa que começa, *Pelas praças de Lisboa*, & acaba,
por si, & pelo parceiro.

*O Coudel moor as damas, porque derã,
a hũa que casou, a melhor peça que
cada hũa tynha dajuda pera
o casamento, antre as quaes
lhe derão o sexo de dona
Lucreçia.*

Polas praças de Lixboa
tantos lououres vos dam,
que a mão nunca lhe doa
quẽ fez tall rrepartiçam.
Que no tall tempo de vodas
faça voda quem quiser,
mas por çerto ha mester
que aly lh'acudam todas.

E poys tam bem acudistes,
louuor grande vos acuda,
qua sem sexo se concruda
todas vodas serem tristes.
Mas hũ de nos cinco ou seys
esta questam fazer ousa,
que achastes hessa cousa -
hu se rremetam nas leys.

Er'ele sobelo ancho,
ou tira mays de rredondo,
ou tambẽ se lança gancho,
cando esta sobre cachondo.
Ou se anda perfilado,
como compre ha donzela,
ou s'estando arreganhado
se veraão dele Palmela.

Se he per ventura caluo,
sse toca de cabeludo,
sse faz agoa a seu saluo,
sse myja com'a ssesudo :

sse he famynto, se farto,
 sse he pardo, se vermelho,
 sse rrapa como coelho
 ss'arranha como lagarto.

Se he manso, se brigoso,
 sse lança couçe a espora,
 ou cand'estaa forioso,
 sse o quer dentro, sse fora,
 Ou se por matar a sede
 a traues toma myl saltos,
 ou se lhe praz dos pes altos,
 arrymados haa parede.

Se tem rrysko no gargalo
 do poço laa da Fotea,
 ou depouys que papa z çea,
 sse fica com bom rregalo,
 Ou se tem crista de galo,
 ou fala com boca chea,
 ou apagando a candea
 que som faraa sem badalo.

S'ee de mole carnadura,
 sse tem cabelo de rrato,
 ou sobre vyanda dura
 sse daa punhada ho gato.
 Cando estaa de ssy contente,
 a quall parte mays s'emborca,
 ou se cando bate o dente
 faz bacorynho com porca.

Fym.

Quanta ssoma d'almazem
 cabe laa em seu carcaxo,
 ou que tempo se detem
 em fazelo altibaxo.
 Se he leesto marinheiro
 em meter hũa moneta,
 ou se faz a çapateta
 por sy z polo parçeiro.

Fol. 20. pag. 1. col. 2. se rísque toda a estancia, *He muy bom ser alterado, acaba, E mentir de macha mano.*

He muy bom ser alterado
 z ser gram desprezador,
 z he bom ser rryfador,
 mas melhor ser desbocado.
 Outrossy he bom d'oufano
 em todo caso tocar,
 mas melhor he ja gabar,
 z mentir de machamano.

Colu. 3. na estancia *Quem estas manhas tiuer*, se risque do quinto verso, *ca hu*, ate o quarto, *como fora &c.* inclus. que está na seguinte troua, *Mas que digo &c;*

La hu s'ele descobrir,
 qual seraa tam sofruda
 que lhe logo nam acuda,
 z lhe dê canto pedyr.

Mas que digo, sayba, sayba
 jugar d'espada z broquell,
 porque dentro no bordel
 como fora dele cayba.

Fol. 21. pag. 2. col. 1. em hũas trouas a Ioão Affonso de Aueiro, na estancia *faz mostrar preto por branco*, se risquem os quatro versos vltimos que começaõ, *Leua o frade*, & acabam, *nos fara ja, ta que quebre.*

Leua o frade que çelebre
 aas tauernas,
 byxygas por alanternas
 nes faraa ja ta que quebre.

Fol. 22. pag. 2. colu. 2. hũa do Conde Dom Alvaro,

se risque toda que começa, *des que fordes juntas duas,*
& acaba, *que toda não seja tua.*

*Do conde dom Alvaro, que mandou
a hũa senhora que era terçeyra
em huĩs seus amores.*

Desque fordes juntas duas,
vos hes'outra que sabees,
por mym tanto lhe dyrees,
o senhora, nam destruas
Aquelle que em maãos tuas
encomenda seu espyto
z manda per este escrito,
que cousa nam fyque sua,
que toda nam seja tua.

Fol. 23. pag. 2. colu. 2. nas obras do Coudel mór, se
risque hũa que começa, *Não leuaes boa maneira,* &
acaba, *Melhor boa alcouiteira.*

Coudel moor.

Nam leuaes boa maneyra
para muyto autorizar,
poys por amygos cobrar
vos fazeys alcouuiteyra.

Mas que digo, fazeys bem,
ca eu disse tal me pago,
ca poys vos nam quer ninguem,
nam he bem qu'estes de vago.
Bom he ser mexeriqueyra,
per oo paço emburylhar,
z pera amygos cobrar,
mylhor bo'alcouuyteyra.

E logo adiante se risque a estancia, *Senhora cunhada*

minha, com a seguinte que acaba, festa da Encarnação.

*Coudel moor a sua cunhada, que lhe mādou hũa
escreuanyinha fraãçesa, que trazya o cano
no tinteyro tudo junto pegado.*

Senhora cunhada mynha,
deu me grande toruaçam
esta vossa escreuanyinha,
c'adavynha
a festa d'encarnação.

Nũca vy cousa tam noua,
nem joya tam excelente,
mas dos cuydos que rrenoua,
sejaa proua
ho tynteyro seu presente.
Ca jaz dentro na baynha
d'hũa tam noua feyçam,
que sem caso d'antrelinha
adeuinha
a festa d'emcarnação.

Fol. 24. pag. 1. col. 1. se risquem as estancias do
mesmo Autor que começão, *Porque meu mal se dobrasse,*
& acabão, *Aqui vereis Palmella.*

Do Coudel moor

Porque meu mal s'y dobrase,
vos fez deos fremosa tanto,
que nam sey santo tam santo,
que pecar nam desejasse.

Polo qual sey que me vejo
de todo ponto perder,
por nam ser em meu poder
partirme deste desejo.
Mas que m'este mal fadasse,
e me traga dand tanto,
praz me, poys nã sey tã santo,
que pecar nam desejasse.

*Do Coudel moor a hũa senhora que queria fogir
de Palmela por se dizer que morrera hy
hũa molher, z ella morrera de parto.*

Que en trajos de donzella,
dona, motejes assy,
senhora, soby aquy,
z d'aquy vereys Palmela.

As nouas ca tanto correm,
que d'ouuylas ja sam farto,
que nessa vyla nam morrem,
senhora, se nam de parto.
E poys fyngys de donzella,
nam fugaes por yssso d'y,
mas podeys sobir aquy,
z d'aquy vereys Palmela.

Fol. 25. pag. 1. colu. 3. em as obras de Aluaro de Brito Pestana, a Luis Fogaça, se risque da estancia que começa, *os que sacendem em furia*, ate as palauras, *tres mil villas*, que estão na col. 3. perto do fim.

Os que s'açendem em furia
com sobejos apetitos,
muy açesos
nos ardores da luxuria,
que de solturas suditos
jazem presos,
Caçurrentos mays que pulhas,
de seus males criminaes
se castiguem,
porque tantas maas borbulhas
tam grandes dores mortaes
se metyguem.

Casados tem barragãas,
z casadas barragãaos,
desta sorte
frades com freyras louçãas,
nam dam doentes nem saãs
pola morte.

Nossa ley do casamento
 damoslh'abyto mourysco
 muy bastardo,
 vodas, ordês, sacramento,
 nam segundo sam Françisco,
 sam Bernardo.

Por surdas alcouuyteyras,
 barateyras z beatas,
 muytas ardem
 em desonestas fogueyras;
 desbaratem taes baratas,
 nam lbe tardem.
 Nam cuydem com ellas ter
 conuersaçam sem doesto,
 ca nam podem
 muytos dias se manter,
 que nam vam pelo cabresto,
 v s'emlodem.

Alguïs ha na crelezya
 que leuam errados rrumos,
 mao costume
 de vestyr epocresya,
 sam deuotos mays dos fumos
 que do lume.
 Leuam pecados alheos
 muy grauemente defendem,
 z nam tardam
 de fazer outros mays feos,
 de que nunca se rreprendem
 nem se guardam.

Ca deuassam as igrejas,
 ermidas z moesteiros;
 os sagrados
 por molheres ham pelejas,
 por molheres sam guerreyros
 namorados.

Suas oras engroladas,
em torpe vyuenda çua
desrregrados,
duas manhas costumadas
dentro no porto de Muja
costumados.

Estudantes preguadores
metem sanctas escreturas
em sermoões,
diriuados em amores
fazem de falssas feguras
tentações.
Quando vyrem tal caminho
de maa preegaçam, s'afastem
os que ouuem,
demlhe todos de foçinho,
taes metaforas contrastem,
e deslouuem.

Sebrecreçẽ os demonyos
e semeam vytuperios,
d'u se cryam
doestados matrymonios,
dessolutos adulteryos
se cotyam.
As encrynações malynas
de ssatyras calidades
destroylas,
as que sam adulterynas
danary[a]m myl çydades;
tres mil vilas.

Fol. 27. pag. 1. col. 1. em hũa que começa, *sem penna*
ou sem fauor, se risque o segundo verso,

nem per graça deuinal.

E na estancia seguinte se risque o sexto verso,

que queyra Deos eternal.

Fol. 28. pag. 1. col. 2. em hum rifaõ que começa,
Vossas burbulhas me comem, & tem tres estâcias, de cada
 hũa dellas se tirem as duas regras vltimas, *sois porque*
disse Iesu, &c.

soes por quẽ dyse Jesu
 pesame porque fyz omẽ.

Fol. 31. pag. 2. col. 3. em hũa reposta que começa,
Quem mais perde, se risque o septimo verso, *Ca dito tem*,
 com os dous seguintes.

ca dito temos d'autor
 que dios al buen amador
 nunca demanda pecado.

E logo adiante se risque toda a cantiga de Antaõ de
 Montoro em louuor da Rainha Dona Isabel, que começa,
Alta Raynha soberana, & acaba, *recibiẽra carne humana*,
 donde se riscará tambem todo o nome do Autor.

Cantigua d'Antom de Montoro ẽ louuor da rraynha
dona Ysabel de Castella.

Alta reyna soberana,
 si fuerades ante vos
 que la hija de sanct'Ana,
 de vos el hijo de dios
 rescibiera carne humana.

O bella sancta discreta,
 con espirencia se aprueue
 que aquella virgem perfecta,
 la diuinidad ecepta,
 esso le deueys que os deue.
 Y pues que por vos se gana
 la vida y gloria de nos,
 si no pariera sanct'Ana
 hasta ser nascida vos,
 de vos el hijo de dios
 rescibiera carne humana.

Fol. 57. pag. 2. colu. 3. se risque hũa reposta do
Coudel môr a Diogo Pedrosa, que começa, *Quem sabe ser
namorado, & acaba, porque sua coua tapa.*

Reposta do Coudel moor polos consoantes

Quem sabe ser namorado,
nam leyxa tempos passar,
nem em tal caso quebrar
juras nunca foy pecado.
Quãto mais que nagoa êvolta
sempr'aa fyra pescaria,
z quem sab'a parçaria.
o amor tredoer nam solta.

Doçe baylo de mourisca
mil sentidos faz perder,
z la mete hũa tal trisca
qu'ee muy ma de guoareçer.
Quer sejays duro quer tenro,
procuray vossos fauores,
mas sobre conpadre jenro
duuydam nyss'os doutores.

Mas se vos tresfoy Martin,
fazeys ynda sem demora,
medrareys ho gualarim
segundo o al em vos mora.
Sede seruidor de chapa,
se vos pregrica nam fylha.
goardar de dor de virilha,
porque sua coua tapa.

Fol. 58. pag. 2. colu 2. (aliás, 1) em hũa obra de Gil
de Crasto, se risque a segunda estancia, *E sem vossa
companhia, ate a sexta que acaba, que fará grande pequice.*

E sse em vossa companhia
forem algũas donzelas,
nunca vos ssay[ae]s d'antr'elas,
como ja tendes por manha.

Nom syruaes sempre cõ hũa,
 sse vos mal disser a dyta,
 mas a quem vos disser yta,
 a essa tanjey a mula.

Cõ quẽ vos der melhor jeito,
 serviros polo caminho,
 nom leyxes de sser daninho,
 quando virdes tempo feyto.
 Onestamente ⁊ de dia
 seja de vos bem seruida,
 ⁊ por cousa desta vyda
 nam leyxes descortesya.

Como virdes o ar pardo,
 que ja quer anouteçer,
 sse tomar queres prazer,
 nunca vos mostres couardo.
 Leyxayuos fycar detras,
 mamday os moços diante
 huũ desuyo de gualante
 jaa sabeys como se faz.

Ordenay como se deça
 pera corregger a çylha,
 ⁊ ençima da mantilha
 fazey cousa que pareça.
 Sendo loguo perçebido
 que muy bẽ lha alimpeis,
 porque nam seja sabido
 nada dysso que fazeys.

Se a virdes muy queyxosa,
 amostray grande braueza,
 dizelhe pera fermosa
 nam he jssso gentileza.
 Seja a ssela tornada
 com gram prazer ⁊ lediçe,
 dizey que nam digua nada,
 que faraa grande pequyçe.

Fol. 60. pag. 2. colu. 2. (aliás, 1) hũa de Ioaõ Barbato
deume tais padecimentos, se risque toda. E tambem o

demais ate a fol. 62. (aliás, 61) pag. 1. colu 3. ate o titulo,
de *Diogo Fogaça*, exclus.

*De Johã Barbato, como se hain.de servir as damas,
daa sete avisos.*

Deu me tays padeçimêtos
com tam diuersos cuidados
quem seruy,
que fiz sete avisamentos,
z todos espermentados
ja por my.
Nos quaes serey verdadeiro,
mas veja quem os servir
v sse mete,
qu'ee o aiso primeiro,
que lhe compre de seguir
todos sete.

No primeyro, de tua dama,
antes que seja servida,
te dou pejo,
z sabe por sua fama,
s'ela quer, ou he querida,
nesse emsssejo.
Porque se querida for,
com tanto qu'ela nam queyra,
poderaas
darte por seu seruidor,
mas se quis bem da primeira,
partiraas.

No segundo, v for posta
hũa vez tua firmeza,
conssestyres
com trabalhada crueza
que te venha maa rreposta,
nam partires.

Que vees que se syguiraa,
se deyxares esta hũa
z outra metas,
nunca t'agasalharaa
em dias molher nenhũa
que cometas.

No terçeyro aperçeber
lembrete, que te auiso
em tal maneira,
v puseres teu bem querer,
que seja molher de syso
z verdadeira ;
E peroo presumiras
que o seu bom entender
te embeleça,
syruia bem, z veras,
que milhor he de mouer
que a peça.

No quarto assegurar
se poderes, seja çedo,
nam te leyxe,
z se vires tal luguar,
tu lhe poẽ as mãos, sem medo
que s'aqueixe.
Ca que t'ela bem entenda,
fymge nam no entender,
z elhe viço,
z posto que se defenda,
todo seu bom defender
he fyngydiço.

E no quinto tu rretem
hũa vez teu bem querer,
se poderes,
posto que lhe queyras bem,
nam lhe des a entender
quanto lhe queres.

Que s'ee molher entendida,
 conheçera bem teu jeyto,
 z maneiras,
 z ja toda tua vida
 sempre lhe seras sojeyto,
 que nam queyras.

Se quiseres servir amores,
 tu sabe tomar aqui
 tua ventagem,
 esta dama que serviures
 nam valha menos que ty
 por linhagem.
 Milhor he menos amado,
 posto que s'oomẽ afronta
 com verdade,
 z querer em alto estado
 que doutra de menos conta
 liberdade.

Fym.

No seteno te concrudo,
 se quiseres bem querer,
 faz mester,
 que te tenha por sesudo
 z de muyto entender
 esta molher.
 Tu sê lhe tal seruidor,
 que saybas bem encobrir
 sa poridade,
 z eu fico por fiador
 quem sa dama assy servir
 que a rrecade.

De Joham Barbato a Violante de Meyra.

Senhora, contaruos ey,
 preguntay a Vasco Palha,
 de hum sonho que sonhey,
 z do prazer que tomey
 tornoussem'em namigalha.

Vos vinheys de cas da rrainha,
 vos dezyeys que fogida,
 z dizendo, ho mezquinha,
 poys ventura tal he minha,
 ja creio que sam perdida.

E daueys huũ grãde brado,
 quem se doy daquesta dama,
 eu jazia ja deytado,
 acordey estrouynhado,
 z saltey fora da cama.
 E eu vos nam conheçy,
 quando foy pola primeyra,
 mas despoys que vos bem vy,
 senhora, disse assy,
 soys Vyolante de Meyra.

Quãdo cheguastes a mym,
 vos fycastes bem çytada,
 z dyxestes, ho coytada,
 nam achaua outra pousada,
 o demo me troux'aquy.
 A la fee, dyss'eu, donzella,
 seres mynha conuydada,
 pois vos tenho na pynguela,
 eu creyo que soys aquela
 que doona seres tornada.

Vos vinheys este serem
 mays vermelha que a brasa,
 eu fuy loguo temporam,
 z tomeyuos pola mam,
 metiuos dentro em casa.
 Aly dezyeys, senhora,
 o por amor dos donzes,
 por merçe lançayme fora,
 perdoayme por aguora,
 omilhom'a vossos pees.

Al me podes vos rroguar,
 rrespondy, senhora, eu,
 mas de vos esta quitar,
 eu seria de tachar
 por muyto mais que sandeu.
 Em tam, senhora, vos vya
 em tamanho desbarato,
 que vossa merçe dezia,
 pois ventura tal he minha,
 entreguayuos, Joham Barbaço.

Estas rrezões acabadas,
 por delas nam fazer custa,
 nã despender mays palauras,
 descalçey loguo as braguas,
 z aparelheyne de justa.
 Eu vos posso afirmar
 z dar de mym esta fee,
 que nã tyuemos vaguar,
 pera nos hyrmos lançar,
 z começamos em pee.

Despoys disto começado,
 vos dissestes hũa cousa,
 poys ja tal he meu pecado,
 amigo, sede lembrado
 nam no sayba Rruy de Ssousa.
 Respondiuos desta guisa:
 nam tenhays esta sospeita,
 mas por ver vossa deuisa,
 desuesty esta camisa,
 quero ver como soes feyta.

Vos desuestistes vos loguo,
 z oulhastes bem par'ele,
 quando vy o mays do joguo,
 eu ardia em tal foguo,
 que nam cabya na pele.

Tornastes vos a vestyr.
 z lançastes vossos contos,
 começastes de carpir,
 quem me soya a servir
 me faz andar nestes pontos.

Brandando cõ boa vontade,
 ho meu senhor z amigo,
 pois levas a virgindade,
 obray ora piadade,
 z casay ora comiguo.
 Eu o quero ja fazer,
 senhora, por conçiência,
 mas vos tinheys o poder,
 z eu nunca pud'auer
 hũa vossa audiência.

Vos vistes que me prazia,
 senhora, de eu querer,
 z vossa merçe fazia
 comssyguo tal alegria,
 que choraueys com prazer.
 E a mym, que nam pesaua,
 me mataua bem de riso,
 porque, senhora, cuidaua
 que aquilo que sonhaua
 que era em todo meu syso.

Fym

Toda a noyte trabalhey
 em andar nest'embeleço,
 mas sabey, quando acordey,
 eu certamente m'achey
 hum muyto valente peço.
 Qu'assy deos me dey vitoria
 em tal prazer qual estaua,
 despois ouue menēcoria
 por perder aquella groria,
 senhora, em qu'eu estaua.

Fol. 61. pag. 2. col. 1. hũa de Diogo Fogaça se risque toda, começa *Ay molher*, ate o titulo, *cantiga sua*, exclus.

De dyoguo foguaça.

Ay molher, eu vos ey medo
da yra de dom Fadrique,
guardayuos d'auer huũ pyque,
ou anday c'o rrabo quedo.

Vejo vos tal condiçam,
que dũ soo nam soes contente,
quem a corna nam consente,
vemlhe de bom coraçam.
Avey bom conselheo çedo,
s'emtemdeys de vos casar,
confessar ⁊ comunguar,
ou andar c'o rrabo quedo.

Mãda deos dũ homẽ soo
ser contente hũa molher,
⁊ quem mays que huũ quiser
o demo aja dela doo.
Julguz Luys d'Azeuedo
que tem a vara del rrey,
que moyra segundo a ley,
ou ande c'o rrabo quedo.

Fol. 62. pag. 1. col. 3. em hũa de Affonso Valente, a Dona Guiomar de Castro, na segunda estancia, *Este mar he muy brigoso*, se risquem os cinco versos vltimos que começaõ, *Este mar he Guiomar*, & acabaõ, *por senhora*.

Este mar he Guyomar,
a dyesa que se adora,
esta se deue louuar,
esta se deue adorar
por senhora.

Fol. 63. pag. 1. colu 1. nas obras de Ruy Monis, em
hũa que começa, *expedit vnam mulierem mori*, acaba,
da fama de hũa senhora, se risque tudo.

*Ruy monyz alegando ditos da payxam pera matarem
hũa mulher de que s'aqueyxaua.*

Expedite vnam mulierem mory.

Por tall de nam pereçerẽ
as mulheres virtuosas,
nem suas famas perderem
as damas gentys, manhosas,
Assy s'escreue, senhores,
na Payxam, por seu castigo,
z eu assy volo diguo,
auangelista d'amores.

Non licet mittere eam in carbonum.

Nam he neçessaria cousa
desta mulher fazer vida
em casa, onde rrepousa
bondade tam conhecida.
Porque seria pecado
d'aquesta viuer v nam
mora falsso coraçam,
do que deue mal lembrado.

Secũdum legem debet mory.

Segundo ley morrer deue,
poyz em sy tanto mal traz
a mulher, que se atreue
a fazer o qu'esta faz.
As leys vmanas o querem,
os direitos o consentem,
z os que dela se sentem
sempre sua fym rrequerem.

Tole, tole, crucifige eam.

Logo a crucifiquemos,
poys se nam quer correger,
ou morte cruel lhe demos,
por mays males nam fazer.
Porque, se muyto andar
no lugar em que andamos,
com as que mays desejamos
nos a sempre de trouar.

Hanc dimittis, non es amicus Cesaris.

Se viua sobala terra
leyxamos quem nos quer mall,
destroyndo o mays leall,
conssemyndo quẽ mays erra,
Ymigos das nossas vidas
somos verdadeiramente,
e nam das nossas soamente,
mas das que temos seruidas.

Tradidit eam illis vt crucifixeretur.

Com pregam seja leuada
desta gentil corte fora
esta ymiga prouada
da fama de hũa senhora.

E na col. 3. (da pag. 2) outra do mesmo, que começa,
senhoras concedo, acaba, *par Deos eylhe medo*, apague-se
toda.

Senhoras, congedo
çymbrar ou casar,
qua quem lhe tardar,
par deos, eylhe medo

Fol. 64 pag. 1. colu. 3. outra do mesmo, que começa,

senhoras vos todas tres, acaba, se por, vt, Re, risquese toda.

Outras de Rruy Moniz a tres freyres dum moesteyro.

Senhoras, vos todas tres,
 porque soes de muy bõ tento,
 por merçe rresponderes,
 z ysto decrarareys
 em nome desse convento.
 Dizemos qua antre nos,
 z todos tem por tençam,
 se nam he frade,
 que quem jaz cũa de vos,
 que lhe cay arma da mão,
 se he verdade.

E tã bẽ muytos s'afastam
 d'andar cõ vosco d'amores,
 z qua pelo lugar catam
 ontros amores que matam
 todos os vossos fauores.
 E dizem que o Antecristo
 ha de ser de vos gerado,
 por merçe decraray ysto,
 se quem vos coçou foy visto
 em sua morte alterado.

Cabo.

E porque nos nã sabemos
 tam bem arte do cantar
 como vos, nem n'aprendemos,
 em gram merçe vos teremos,
 emssynardesnos solfar,
 E manday tudo num rroll,
 senhoras, por vossa fee,
 z dizeynos em bemoll,
 se folguays por my fa soll,
 se por vt rre.

E mais adiante se risque outra do mesmo que começa,
dama do gentil despacho.

*Cantigua de Rruy Moniz a hũa molher que elle
 ja conheço, e mandoulhe hũa
 muyto maa rreposta.*

Dama do jentyll despacho,
 que pouco days por ninguem,
 eu sey que vos sabeys bem
 se sam femea se macho.

Eu vos nam auorreçia,
 eu sey bem que vos coçaua,
 e que quando m'aprazia
 em osso vos caualguaua.
 Poys se quer auey empacho,
 vos molher de pouco bem,
 de quem vos em Santarem
 caualgou sem barbyquacho.

Fol. 65. pag. 1. colu. 1. nas obras de Iorge d'Aguiar
 em hũa ao Conde de Borba, a estancia que começa,
Não cureis de tal terceiro, com as seguintes se risque
 ate o verso, *em mil annos hũ dia*, inclus.

Nã'cureys de tall terçeyro
 de que sejaes rreçoso,
 antes peytay hum porteyro
 com vestido e dinheyro,
 e seja porem dioso.
 S'y ouuer compytidor,
 nam lhe mostreys amyzade,
 qu'ee synal de pouca dor,
 antes muyto desamor
 lhe mostray, e maa vontade.

Quando quer que lhe falays,
 sempre vos conheça pejo,
 e mostray que vos toruais
 em dizer o que passais,
 qu'ee synal de bem sobejo.

Com as outras despejado,
 nam despejo tras saydo
 em tratalas muy ousado,
 em gabalas nam calado,
 por ser mays fauorecido.

S'asy fordes esquençado
 que vos vejays melhorar,
 quanto mais fauorizado,
 vos mostray mays agrauado
 a quem com ella pousar.
 Mostrayuos seu seruidor,
 z que tudo lhe palrraes,
 queyxayuos de desfauor,
 porem cousa de fauor,
 jamays nunca lhe digaes.

S'em tal lugar vos topardes,
 nẽ prestem brados nẽ choro,
 por que quanto aly ganhardes,
 desque rreconçiliardes,
 vos fycara ja por foro.
 Nam vos forçe bem querer,
 que vos tolha ousadia,
 que poderaa muy bem ser
 qne nam podereys auer
 em mill anos hũ tal dia.

Fol. 67. pag. 2. colu. 2. em hũa feita a Dom Goterre,
 que começa, *sabes quantos annos has*, se risque o verso
 septimo.

E que jaa entam fodias,

E na col. 3. hũa ao Comendador mór de Auis, *Quien te
 vio como te ey visto*, acaba, *E disto*, se risque toda.

Ao comẽdador moor d'Avys

Quẽ te vyo como t'ey visto
 daraa voz
 que pareçes byaroz
 de dar papa a Jesu Cristo,
 z disto.

Nam te digua a ty ninguê
 ca caualo es fermoso,
 de mula pareçes bem,
 por qu'ees ayroso.
 Em dama nam faras choz,
 saybam laa que digu'eu ysto,
 que pareçes biaroz,
 que vas fartando d'apisto
 Jesu Cristo,
 z disto.

Fol. 69. pag. 2. colu. 2. em as obras de João Gomes da Ilha, hũa cujo titulo he, *Confissaç*: da estancia que começa, *sei que vos confessareis*, se risque, ate *ser seruidor verdadeiro*, que està no principio da folha 70.

Sey, que vos confessareys
 polo ano, z seus dias,
 vos de mym açeytareys
 três pecados, que sabeys
 que condenaram Mançias.
 E a vosso confessor,
 desque os vossos dysserdes,
 sereys dos meus rrelator
 z term'eyz por seruidor,
 quando m'eu servir quiserdes.

Vos dyzey que sam casado,
 z quero bem a casada,
 sendo d'amor tam forçado,
 que nam sento por pecado
 ela ser de mym amada.
 Nem me posso conhecer,
 se nam tam sojeyto dela,
 que cuydo que padeçer,
 z tras padeçer morrer
 devo soportar por ela.

E o pecado segundo
 lhe direys, que meu sentido
 nam se funda nem me fundo
 se nam sempre neste mundo
 querer mal a seu marydo.

E a morte lhe desejo
 mays cedo que possa ser,
 e o demo nele vejo,
 e ey gram prazer sobejo,
 quando a ela posso ver.

O terçeyro concurasam
 vos dyzey, que sam tam forte
 amador por condiçam,
 que nam sento contriçam,
 nem rreçeo minha morte.
 Nem d'alma nã sam lêbrado,
 nem de rrezam nem de fama,
 nem he outro meu cuydado
 saluante ser namorado
 d'aquesta casada dama.

Requerereys a pendenza
 pera mým vereys quejanda,
 que nam priue bem querença,
 que toda minha femença
 he fazer quanto amor manda.
 O padre pode mandar
 quanto m'ele mandar queyra,
 mas nam seja desamar,
 ante me mande matar
 per outra qual quer maneyra.

Se me mandar jejunar,
 dyzey que ey por jejum
 quando nam posso cobrar
 a vista de quem pesar
 me da, e prazer nenhuũ.
 Se que veele vos disser,
 dizey que veelo cuydando
 na mays fermosa molher
 das que deos fez nem fyzer,
 pola qual viuo penando.

Fym.

Se que rreze orações
 vos mandar, dizey que bem,
 mas seram muytas payxões,
 danos z tribulações
 que meu coraçam sostem.
 Se vos mandar que esmole,
 gastese quanto dinheyro
 teuer, pero que m'esfole
 fyque com que me conssole
 ser seruidor verdadeyro.

Fol. 82. col. 3. em as obras do Conde do Vimioso, da
 estancia que começa, *A outra per &c.* se risque o vltimo
 verso,

cũ preuersso preuerteris

Fol. 89. que por erro he 91 pag. 2. col. 3. em as obras
 de João Fogaça, hũa que fez por Duarte de Lemos,
 começa, *se em pè se quando jaço, & acaba, E assi acabo,*
 se risque toda.

*Cantigua sua, que fez por Duarte de Lemos a hũa molher
 que preguntaua como poderia dormyr cõ sua molher
 sendo tam grãde.*

Se em pee, se quando jaço,
 quereys, senhora, saber
 como posso ou como faço,
 eu volo quero dizer.

S'ela jaaz de pap'arryba,
 ambos ficamos ygoaes,
 nem cuydeys, se o cuidaes,
 que, se m'ela nam derryba,
 que sejamos desygoaes.
 Se em pee, faço m'anaão,
 z d'ilhargua atrauessado,
 tam junto, tam concheguado,
 que nã ponho pee em chaão.

E també sam tã humano
 e leuo tamanho gosto,
 que, por lhe ver bem o rosto,
 faço de mym pelicano.
 Ela tambem de seu cabo
 faz muytas gualantarias,
 e fala mill arauias,
 que vos eu aqui nam guabo,
 e assy acabo.

Fol. 93. pag 2. colu. 3. em as obras de Diogo Brandam,
 a hũa senhora, que lhe deu hum nome de Iesu, começa
O nome da perfeição, & acaba, tenho eu no coração, se
risque toda.

A hũa senhora que lhe deu huũ nome
de Jesu que se tomava por ela.

O nome da perfeçam,
 que tomeý com deuaçam,
 no meu liuro s'apousenta,
 mas o qu'ele rrepresenta,
 que he o bem que m'atormêta,
 tenho eu no coração.

Fol. 97. pag. 1. col. 2. em hũa reposta de Anrique
 de Saá, que começa, *De Diabo vos seguro*, se risque toda
 a estancia ate, *pera dór de esquentamento*, inclus.

Reposta d'Anrryque de Saa

De diabo vos seguro,
 antes por homẽ de bem
 estas senhoras vos tem,
 poys nũca trepastes muro.
 E por jssó, ao que sento,
 abeyjam por ter saude,
 que ham que tendes vertude
 para dor d'esquentamẽto.

Fol. 101 pag. 1. col. 1. nas obras de Luis Enriques, em hũa do Paternoster que começa, *Kyrieleyson*, na quinta estancia *Dimitte nobis*, se risque o quinto verso,

O tres em huũa pessoa,

Fol. 106. pag. 1. col. 2. na mesma obra de Luís Enriques, da estancia que começa, *Quando com vossa camisa*, se risque tudo ate o titulo, *De Ioam Rodrigues de Castelb[ranco]*, exclus.

Quãdo com vossa camisa
andardes, teres auiso,
nam façaes d'aquesto rriso,
gradeçey quem vos auisa.
Com ele vos nam jareys,
mes passados sete dias
otauilaa vos fareys,
z dormireys
c'o parente das Judias.

Quando vyeer ho comer,
que for ho partir do pam,
dyr vos ha hũ oraçam,
sabelhe vos rresponder.
Baru ata adonay cloeno
sam as palauras que diz,
amoçy leha minariz,
lhe rresponderes, z peno,
poys meu bem foy tã pequeno.

Depois do consselho dado,
z noua vos quero dar,
cõ que moyras de pesar,
de grande dor z cuydado.
Vosso bem nã tem bezys,
que sam cõpanhões ã abraico,
juroumo nuũs tafelys
hũ laa do pouo judayco.

Fol. 107. pag. 1. colu. 2. em as obras de Ioam Rodriguez de Castelbranco, em hũa a Antão da Fonseca, da estancia que começa, *Das perras em que falaes*, se risque do quinto verso, *bem sei ja que me tomaes*, ate a estancia, *destas nouas &c.* exclus.

Bem sey ja que me tomays
nysto que quero dizer,
com quem sam de correger
se mostram esqueçer mays.

Se com elas nos topamos.
leuam tam fortes bocados,
que quando mays pelejamos,
somos mays desbaratados.
Nam por serem apertados,
nem muy rryjos de rromper,
mas aturam o correr
que nos vençem de canssados.

E assy que nos tornamos
os mays de nos ypotentes,
por qu'eles sam tam valentes,
que por vençydos nos damos.
E tal que, quando escapamos,
da sua boca danada,
vento he mouros de Grada,
par'oo medo que levamos.

E na pag. 2. col. 3. da estancia que começa, *No puedo caber coitado*, se risque o derradeyro verso que diz,

daquel my dios en que creo.

Fol. 112. pag. 2. colu. 2. nas obras de Diogo Brandam, em hũa de Gaspar de Figueiro que começa, *Naquesta pena, & cuidado*, se risque o 4. verso,

dios deue ser ell culpado.

E na segunda estancia se risque o primeiro verso,

Culpa bien auenturada.

E na col. 3. em as obras do Fernão Brandam, hũa que começa, *Não se parte meu sentido*, se risque toda.

Nam se parte meu sentido
dhũa casada que vejo,
nem o seu de seu marido,
por onde tenho sabido
que nom pode ser comprido
meu desejo.

Apartarme he cousa forte
por camanho bem lhe quero,
em seguilla desespero,
este mall he de tall sorte,
que nam sey quem me cõforte.

Fol. 114. pag. 1. col. 3 em outra de Fernão Brandam, a qual começa, *Do gram milagre deste anno*, & acaba, *O viessem ca ajudar*, se risque toda.

Do gram milagre dest'ano
todo coraçam desmaya
em saber c'o deos vmano,
rrendeyro por nosso dano,
quys tomar carne na Maya.
Por mays espanto mostrar
este Christo, deos eterno,
ordenou que do ynferno
por os mays atormentar,
o viessem caa ajudar.

E na pag. 2. col 2. em a reposta de Anrique de Saà, risquese a 4. estancia, quo começa, *A freira por bom caraõ*, & acaba, *deuações*.

A freyra por bom caram,
 que farte tem de marteyro
 z de muyta deuaçam,
 se lhe falam no moesteyro,
 vemlhe dor de coraçam.
 Por trouas, z rrepulhõ[e]s
 rreza matynas,
 z todas suas emdinas
 deuações.

E na sexta estancia, *Robres anda na ribeira*, se risque
 ate onde diz, *Dado* inclus.

Robres anda na rribeyra
 co as mãos negoçeadó,
 mete freyra, z tyra freyra
 com'a dado.

Fol. 122. pag. 2. col. 2. em hũa de Luis da Sylueira,
 que começa, *O que disse a Mãe de Veiga*, da segunda es-
 tancia se tire o sexto verse, *Senão trazeis muito meiga*,
 ate o vltimo, *Não gasteis vossa manteiga*, inclus.

Se nõ trazeyz muyto meygua
 a senhora com que andais,
 poys nela vos nam forrays,
 nom gasteys vossa mãteygua.

Fol. 124. pag. 2. col. 2. na reposta de Ioam Rodrigues,
Quem nisso fizesse, &c. risquese o verso penultimo.

qu'eu tenho por diuinal.

E na col. 3. *Trouas que mandou Ioam Rodrigues*, &c.
 risquese toda a 2. que começa, *este nam he de heresias*.

Este nom he de heresyas
 nem em que os anjos cayram,
 mas hũ par de trouas frias
 nom s'acha que se rremiram,
 nem por vida do Mexias.

E em quanto a maa tenção
 nom say fora da pousada,
 ahy val a descripção,
 por que hũa troua mädada
 he pedra que say da mão.

Fol. 127. pag. 1. col. 1. no fim, *Trouas de Luis da Sylueira, &c.* risquese, *Este vosso monco si, ate, segure como sabeis.*

Este vosso monco sy
 ã chegando de ymprouiso,
 que maa ora o eu vy,
 tinhaa eu fora de sy,
 z ele fela aver syso.
 Nunca tal se vyo fazer,
 leua jaa mestre Lyão,
 por que sem lhe por a mão,
 sem a abrir, sem a coser,
 soo de fora com a ver
 lhe curou sua paixão.

Foy dele muy bem curada,
 ja agora dela nam cura,
 porem aa minha chegada
 lhe sobre veyo quentura
 doutra materia causada.
 Se lhe vida dar queres,
 mandaylho vyr qu'eu o fyo
 que a quentura cõ seu frio
 segure como sabeys.

Fol. 132. pag. 1. col. 3. de Bras da Costa a hũa sua Prima, *Senhora dessa batalha*, risquese toda.

*De Bras da Costa a hũa sua prima que casou,
 z mandoa ele vesytar, e lhe rrespondeo que
 aquella noyte entrara em batalha.*

Senhora, dessa batalha
 pergunto como vos vay,
 se disestes huy ou hay,
 ou se nam foy nemygalha.

Por que no joguo da pela
a primeyra vay de graça ;
assy cuydo eu, donzela,
que ficastes amarela,
sem vos dizerem prol faça.

Fol. 133. pag. 1. col. 2. na 5. estancia de Duarte da Gama, a qual começa, *A gram importunidade*, risquese o vltimo verso,

fosse ho do Zebedeu.

Fol. 136. pag. 1. col. 3. nas de Gonçalo Mendez, da estancia primeira, *Pois em vossa merce cabe*, risquemse os 3. vltimas versos, *saluo se for*, &c.

saluo se for aleguar
em o mays alto lugar
da outra nossa senhora.

Fol. 142. pag. 2. col. 3. no fim em hũa de Dõ Rodrigo de Crasto, começa, *que posso por vos dizer*, se risque o 4. verso, *pelo qual*, &c. ate o cabo.

Pelo qual quem vos olhar
dira que loguo emprouiso,
deça deos do parayso
z vos de o seu lugar.

Fol. 143. aliàs 144. pag. 1. col. 1. na de Dom Ioam de Meneses, *se neste louuor*, &c. risquese, *pera servir*, &c. *adorar*, ate o cabo.

Pera servir z adorar
fuy eu naçido,
z vos ssou para passar
o que nam pod'alcançar
nenhũ humano sentydo.

Fol. 144. pag. 1 col. 3. na de Dom Affonso, *naõ sei*

como *ninguém*, &c., risque o 5. verso, *mas diga quem*, &c. com os tres seguintes.

Mas digua quem vos oulhar,
pera que quys ser naçido,
se ss'espera de saluar
de nam ser por vos perdido.

Fol. 147. pag. 1. col. 1. em hũa de Francisco d'Almada, *Quem quizer*, &c. risque o 4. & 5. verso.

poys he çerto c'Aguostinho
s'embaraçou na trindade.

E na seguinte de Francisco da Sylueira, *Acolhamonos*, &c. risque os dous vltimos versos, *por ser todo*, &c.

por ser todo da senhora
dona Felipa d'Abreu.

Fol. 150. pag. 1. colu. 3. a de Diogo de Mello, *pois nos Deos quis*, &c risque toda.

Poys nos deos quis amostrar
em vos todo seu poder
ter sojeyto,
deuemolo bem de louuar,
se sse nam arrepender
de vos ter feyto.
Grande merçe quis fazer
so a quem quis descobrir
a groria que he perder
a vida por vos servir.

Fol. 151. pag. 2. col. 1. no fim a de Luis da Sylueira, *sesta senhora*, &c. risque toda.

S'esta senhora nos veyo
mostrar seu parecer,
foy por c'ouue deos rreçeo
de o ela preçeder,
e a la quisesse ter.

E pera la nam leyxar,
 lembroulhe c'ouyo dyzer
 dous santos mal parecer
 pera oulhar
 quanto mays pera adorar,
 z pera crer.

Fol. 154. pag. 2. colu. 1. no fim risquese do titulo que diz, *De Dom João de Meneses, &c.* ate o titulo, *Fernão da Sylueira, &c.* exclus.

*De dō João de Meneses a hũa dama que rrefiaua,
 z beyjaua dona Guyomar de Crasto.*

Senhora, eu vos nam acho
 rrezam para rrafyar,
 z beyjar tam sem enpacho
 dona Guyomar,
 saluante se vos soys macho

Se o soys, z nã soys dama,
 he muy bem que o diguays,
 z tam bem deue sua ama
 nam querer que vos jaçays
 soo com ela em hũa cama.
 Cõfessaynos que soys macho,
 ou que folguais de beyjar,
 que doutra guysa nã acho
 rrezam de antrepernar
 tal dama tam sem enpacho.

Ajuda de Fernã da Silueyra.

Dous gostos podeis levar,
 senhora, desta maneyra,
 poys sabeys de tudo vsar,
 ser macho pera Guiomar
 z femea pera Nogueyra.
 E por jssó nam vos tacho,
 antes vos quero louuar:
 nos trajos em que vos acho
 podereys vos emprenhar
 outra molher como macho.

Dom Rodriguo de Castro.

Lançenuos fora do paço,
 ou vos leuem a Lyxboa,
 ou vos dem outra machoa,
 com que pereays o rrayuaço.
 Lançenuos hũ barbycacho,
 ou vos mandemos capar,
 por c'outra forma nõ acho
 pera poder escapar
 dona Guyomar,
 poys ss'affirma que soys macho.

Dom Pedro da Sylua.

Pera parecer donzela
 cousas tendes bem que farte,
 mas chamardes vos muela
 a beyços de dama bela,
 nam vos vem de boa parte.
 D'oje auante nom me agacho
 nem mays ey assy d'andar,
 mas cõ muy gentil despacho
 vos ey d'yr arreguaçar,
 z oulhar,
 se sois femea ou macho.¹

E abaixo risquese do titulo que diz, *d'Anrique d'Almeyda*,
&c. ate o titulo, *Dom Ioam Manoel*, exclus. que està na
 fol. 155. pag. 2. col. 1. no fim.

*D'Anrique d'Almeyda Passaro aa barguilha
 de dõ Goterre que fez de bocado,
 enderêçadas aas damas.*

Nõ ajays por marauilha
 preguntar donde vos vem,
 quererdes saber que tem
 dom Goterre na barguilha.

¹ Não percebo qual foi o critério do censor não mandando suprimir as duas estâncias seguintes, tam obscenas como as precedentes.

Cãt'eu deuinhar nam posso
 como deemo ysto dizeys,
 se vos ele deixa o vosso,
 vos oo sseu que lhe quereys.
 Par deos he gram marauilha,
 que tem de fazer ninguem
 c'o que tem ou que nam tem
 dom Goterre na barguilha.

O coudel moor.

Barguilha de falso peyto
 rreboloa,
 quando vem a ser no feito
 nunca boa.

Faz amostra z grã parada,
 por que todaa casa peje;
 se acha quem lhe rrabeje,
 say vos tam emvergonhada
 z emcurtada,
 emtam buscay quem peleje.
 E fica toda dum jeyto
 a pessoa,
 por que s'enguanou no feito
 d'arralhoa.

Dom Alvaro d'Atayde a esta cantigua.

Sobrinho de meu cõsselho,
 pois de baixo nam jaz nada
 se nam hum triste folhelho,
 nom te faças dominguelho
 por braguada.
 Ca sse jouuer no teu leyto
 putarroa,
 achart'aa tam emcolheyto,
 z do nembro tam tolheito,
 qu'yraa maa z vyraa boa.

Fernam da Sylueyra a esta cantigua.

Segundo a tençam mynha,
 quẽ barguylha assy goarneçe,
 quer soprir com louçaynha,
 o que por obra faleçe.
 E o que nisto sospeyto,
 ⁊ caa ssoa,
 he que nam he pera feyto
 tam mixilha.

Cantigua sua a esta barguilha.

Cauallheyros de Castilha,
 vos qu'estays en Freyxinal,
 vynde ver hũa barguilha
 a Portugal
 do filho do Marichal.

He de bom borcado rraso,
 qu'eschameja como brasa,
 ⁊ he gram caso,
 sayr hum omem de casa
 com barguilha toda rrasa.
 Manday lançar em Sseuilha
 hum preguam que sseja tal,
 dom Goterre fez barguilha
 cordeal,
 vinde a ver a Portugal.

O Coudel moor a esta cantigua.

O fidalgo de linhajem,
 filho de pay muy honrrado,
 he de hũa tal carnajem,
 que sem mais fazer menajem
 vos vem jaa desnaturado.
 Com rrecheos de pontilha
 rraspalaã, ⁊ ysto tal
 faz hũ cume de barguilha
 tam mortal,
 que mao grado a Ssandoual.

Joã Correa a esta câtigua.

Todalas cousas prouistas
sem mays grossa
polos quatro auangelistas,
nestas vistas,
nom vem cousa tã pomposa.
Mas nam he grã marauilha,
em caso que venha tal,
ser hum sonho da barguilha,
aynda mal,
por que tudo he papassal.

Dõ Rodrigo de Castro a esta cantigua,

Yrey eu d'aqui a Rroma
por ver ysto que sse diz :
meteras lho teu naryz,
z sy quer fizera ssoma,
ora toma.
Por que ss'aqueste barguilha
nesta festa do natal,
que jaa vay a Bobadilha
de Freyxinal
noua dela, z que tal.

Dom Pedro da Silua.

Quẽ te vir o teu borecado,
z te for buscar o çentro,
achara grande toucado,
z chyco rrecado dentro.
Em nenhũ rreyno nem ylha
nunca se vyo trajo tal
com'esta tua barguilha
por teu mal
muy vazia do ylhal.

Dõ Alvaro d'Atayde.

Barguilha de gram valya,
chea de laã ou de pena,
por nom andares vazia,
emchete de carne ajena
ou t'encherrey de la mya.

Fizeste dhũ mao rretalho
 de borcado, feyto em tyras,
 pera pequeno tassalho
 grande outeiro de myntyrras.
 Pelo qual loguo ordena,
 como nom ande vazia,
 emchea de carne ajena,
 ou t'encherey de la mya.

Letreyro d'Anrrique d'Almeyda a barguilha.

Aqui jaz o emcurtado
 que o mundo mal logrou
 aqui jaz quem nom pecou
 contra deos hũ ssoo pecado.

Aqui jaz quem nunca ssono
 fez perder a seu senhor,
 aqui jaz quem a seu dono
 nunca fez vender penhor.
 Ponhamos lhe por ditado,
 pois tam maa vida passou,
 aqui jaz quem nom gostou
 deste mundo hũ soo bocado.

O Coudel moor ao letreyro,

Aqui jaz quẽ sempre jaz
 dormente, mas nunca dorme,
 leixemno viuer em paz,
 pois que jaz 7 nunca faz
 de ssy forma em que emforme.
 Aqui jaz quem, sem comer,
 jaz em som mays que de farto,
 aqui jaz sem sse mouer
 quem jaz fora de poder
 de matar ninguem de parto.

Dom Goterre por ssy as damas.

Assy me veja eu em Beja
 muyto aa minha vontade,
 com'isto vay com emueja,
 mas nã jaa por sser verdade.

Senhoras, por meu rrepayro,
a quem nisto doudar
eu lh'espero de mostrar
o contrayro.

Fol. 156. pag. 1. col. 3. de hũa de Gonçalo Gomez,
Quando aos brados, &c. risquese o 4. verso,

et in terra paos a my.

Fol. 157. pag. 1. col. 1. no fim, *Hum estojo, &c.* risquemse os primeiros cinco versos.

Hũ estojo com tanaz,
z tisoyras z naualha,
por que se guedelha traz,
z mester faz,
que nam fique nemigalha.

E na pag. 2. colu. 2. no principio, *Douuos tauoas, &c.* risquese des do sexto verso, *porque quando vos &c.* ate o cabo.

Por que, quãdo vos sobyrdes
nelas pera caualguar,
vos vejamos, se cayrdes,
z descobryrdes
ho desonesto luguar.

Fol. 158. pag. 1. col. 2. no fim, *Senhor my alçar,* risquese toda a troua.

De Joam Fogaça.

Senhora, my alçar
cuberta de rrabo,
vos estar diabo
com tanto mandar.
Quam arreneguado,
eu te matarey,
sem rrabo lauado.
z cono chofrado
m'ey d'yr para el rrey.

Fol. 162. pag. 1. col. 3. outra de Simão de Miranda,
Minha culpa digo &c. risquese toda.

Minha culpa diguo mays,
 que pequey de confyado,
 sendo bem aconselhado,
 fyz çeroylas cordayes.
 Dysto, padre, nam rryays,
 mas day rezam
 pera minha saluaçam.

Fol. 166. pag. 1 col. 3. no fim risquese o titulo que
 diz, *De Fernão da Sylueira*, com as trouas todas, ate,
esfollou a seu Irmão, no principio da col. 2. pag. 2.

De Fernã da Silueyra a dom Rodriguo de Castro,
que beyjou hũa dama, z ela meteolhe
a lingoa na boca.

Poys medistes assy crua
 a ssua lingua co a vossa,
 dizeynos qual he mays grossa,
 se a vossa, se a ssua.

Tam bem queremos saber
 atee onde foy metida,
 z qual era mays comprida,
 mais solta no rremexer.
 Se veyo tal falcatrúa
 por sua parte ou por vossa,
 nos dizey qual he mays grossa,
 se a vossa, se a ssua.

Reposta de dom Rrodiguo.

Mays comprida z mays delguada
 achey a ssua que a minha,
 por que todaa campainha
 me leyxou escalavrada.
 E fez me tam grandes briguas
 nos queixays,
 que mos nom fizera tays
 hũa grande molho d'ortiguas.

Outra sua.

Eu disselhe:tate perra,
nam metays assy de ponta
a lingoa, que tanto monta
como os da boca em terra,
fazey conta.

Dizia: mano, deixayme
em quanto tenho lugar;
e eu bradaua: soltayme,
deixayme rresfoleguar,
que me quereis afoguar.

Outra de Fernam da Sylueyra.

Ouuy de todos mandado
da senhora dona Guyomar,
que manda desençerar
hũ croque qu'ee ençerado.
E manda que muy asynha
a degradem do serem,
por que todaa campainha
esfolou a sseu ymam.

Fol. 167. pag. 1. col. 1. no principio risque-se o titulo
que diz, *Do macho, &c.* ate o titulo, *Do Coudel mór, &c.*

*Do macho rruço de Luys Freyre
estando para morrer.*

Poys que vejo que deos quer
deste mundo me leuar,
quero bem encaminhar
a minha alma, sse poder.
Em quãto estou em meu syso,
a morte dandome guerra,
mando alma ao parayso,
desy o corpo aa terra.

E mando loguo primeyro,
em quanto viuo me sento,
que deste meu testamento.
seja meu testamenteyro

Meu irmão, o de barrocas
que eu mays que todos amo,
por sempre fogir a trocas,
z seruyr muy bem sseu amo.

O qual me fara leuar
cõ muy grão solenydade
oo rrossyo da Trindade,
hu me mado enterrar.
Poys me d'aly gouerney
gram parte de minha vyda,
a carne que leuarey
aly deue sser comyda.

E vão cantando diante
a de Braria, z d'Afonssso
hũ tam solene rresponsso,
que todo mudo sse espante.
A estes ambos ajude
o macho de Gomez Borges,
o qual leue o ataude,
a bytalha z os alforges.

Rogo aos cortesaãos,
quanto lhe posso rroguar,
que todos me vam onrrar
com seus çirios nas mãos.
E poys eram espantados
de passar vyda tam forte,
deuem sser de nym lêbrados,
dandome onrra na morte.

Item, me leuem d'oferta
dous ou tres çestos de palha,
que poys custa nemygalha,
nam deue d'auer rreferta.
Tam bẽ me leuẽ hũ alqueyre
de farelos ou çeuada,
poys na vyda Luys Freyre
disto nunca me deu nada.

Infyndos perdoës pedy
 as pousadas v pousey,
 d'alguyardes que quebrey,
 z gamelas que rrohy.
 E nam me deuem culpar
 de lhe fazer tantos danos,
 poys que de palha fartar
 nũa me pude em .xx. anos.

Item, peço as verçeyras
 muytos enfyndos perdoës,
 z tam bem aos orteloës
 dos danos das ssalgadeyras.
 Que a bofee sse me soltaua,
 fome tal me combatya,
 que qual quer cousa c'achaua
 tudo muy bem me solya.

E que meu amo agrauos
 me desse com amarguras,
 deyxolhe tres ferraduras
 que nã tẽ mays de dous crauos.
 E pero dele me queyxo
 de males que me tem dados,
 dous ou tres dentes lhe leyxo,
 que mande fazer en dados.

Nam lhe posso mais leixar,
 qu'ele nũa mays me deu :
 rroguo Aluaro d'Abreu
 que o queyra acompanhar.
 Roguo tanto que sse doa
 dele tanto meu jrmão,
 que o ponha em Lixboa
 arredor de ssam Gyam.

Fym.

Sobre minha ssepoltura,
 deploys de sser enterrado,
 se ponha este ditado,
 por sse ver minha ventura.

Aquy jaz hó mays leal
 macho rruço que naço,
 aquy jaz quẽ nam comeo
 a sseu dono hũ soo rreal.

Fol. 169. pag .1. col. 3. hũa de Dom Gracia d'Albuquerque, *pera vos desesperar*, &c. risquese toda esta estancia.

Pera vos desesperar,
 rrynchou aqueste caualo,
 como quantou morto o galo
 pera Judas s'emforçar.
 Vos deueys loguo d'andar,
 sem tardar,
 a buscar asoluiçam.
 ho moesteyro de Loruam.

E na pag. 2. col. 3. de hũa de Pero Fernandez Tinoco, na 2. estancia, *naõ tenhaes senhores porfia*, risquese os tres vltimos versos, *pois foram em confraria*, &c.

Poys foram em cõfraria
 por huũ jumão,
 nam vos presta hyr a Loruam.

Fol. 177. pag. 2. col. 2. hũa de Vasco de Foes, *Senhor seja por vosso bem*, risquese toda.

Senhor, sseja por vosso bem
 esta dama o que vos quer,
 mas nã ssey sse he molher,
 que o tenha dito alguem.
 E se he desta maneira,
 daruos ey a minha touca
 qu'ahynda que deos nã queira,
 em a pondo ssera mouca.

Fol. 179. pag. 1. col. 3. a Simaõ de Sousa, *ja não posso agradecer*, risquese este verso & o seguinte.

Ja nam posso agardeçer
 a deos o que me tem dado.

E na pag. 2. col. 1. se tire o titulo, *Bulla do Papa, &c.*
cõ toda a troua.

Bula do Papa contra Jorge d'Oliveyra.

Vem qua querela tamanha,
que calarsse he grande mal
dũ cristão nouo d'Espanha
do rreyno de Portugal.
Pois que da tanta apressão
sem deyxar leyra nem beyra,
nos damos jeral perdão
a quem for neste rrifão
contra Jorge d'Oliveyra.

Fol. 192. pag. 1. col. 2. de Francisco Lopez a prisam,
&c. começa, *stabat como solia*, & acaba, & *com dor tam desigoal*, apagueuse tudo.

*De Frãçisco Lopez aa prysam
de Joana de Farya.*

Estabat, como soya,
em ssuas contemprações
esta senhora Faria,
que de noyte z de dia
daa gram pena oos corações.
Repousado sseu sentido,
de dentro da casa sua
ouuyo hũ grande arroydo.
z com o rreçeo perdido
sayo aa porta da rrua.

Com todos seus Fariseus
erat autẽ Joam da Noua,
que pareçiam Judeus
que prendiam Cristus deus
no orto, segũm se proua.
Foram tam ssem piedade
aquestes que a prenderam,
que vos juro de verdade,
que tamanha crueldade
a ninguem nũca fyzeram.

Interrogavit a guya
 ssua may : a quem buscays :
 bradando a voz dezya :
 a Joana de Faria,
 z a vos, que nos falays.
 Foram loguo muy cortadas
 a mãy, z tam bem a filha,
 com ysto tam trespassadas,
 z da cor tam demudadas,
 que era gram marauilha.

E dixit : que mal tem feyto
 a coytada ynoçente;
 a ty deos peço direyto
 deste tamanho despeyto,
 que nos faz aquesta gente.
 Nam curarão de rrezões
 os lobos, z a tomarão
 com tã grandes empuxões,
 que ão ssento corações,
 que de uer tal ão quebrarão.

Fogirão os sseruidores,
 nulus nūquam pareçeo;
 foram tantos sseus tremores,
 que a fee de seus amores
 naquela ora sse perdeo.
 Nam ouu'ahy quem cortasse
 orelha a beleguym,
 nem quem espada tirasse,
 que naquilo sse mostrasse
 sua fee nã fazer fym.

Dacta est, segū se ssoa
 a Faria por mor dano
 a esse Pero de Lixboa,
 que por sser gentil pessoa,
 era Pontifyx esse ano.

E ele, pela fazer
de hũ em outro andar,
disse sseu juyz nam sser,
z mandou ha rremeter
oo Botelho ssem tardar.

Fym.

Tanquam latrones cõ ela
vy beleguyns apegados,
ouue tamanha mazela,
que, por nũca conheçela
dera eu muytos cruzados.
Triste, coyhada de vos,
menyna com tanto mal,
ameros tristes de nos,
que ficamos qua tam ssoos,
z com dor tam desygoal,

Fol. 196. pag. 2. col. 1. risquese o titulo, *Outras suas sobre hum regimento*, &c. cõ todas as trouas ate, *Como o souberdes*, inclusiuiamente.

*Outras suas ssobre hũ rregimẽto de hũas cõtas
em que sse guanhauam muytos perdoẽs.*

Este he o rregimento,
z rrezasse desta sorte,
começasse em meu tormento,
z acabasse em minha morte.
Oulhay, ssenhora, por ele,
z nam por mym;
al demenos vereys nele
minha fim.

Item, ssenhora rrezando
este rrosayro tres vezes,
confessada, z confessando
que meus males nũca vedes.
Vos ficaryeys ssem culpa,
z eu na pena,
por que a cnlpa me desculpa
sabendo de quem ss'ordena.

Que ss'eu enguanado viuo,
desenguanado padeço,
nam me days o que mereço
nem me quereys por catiuo.
Mas dizeyme vos agora
que farey,
que ssem vos lembrar, senhora,
morrerey.

E por que busco os extremos
me buscam eles a mym,
mas triste de mym que vym
aa conta qu'anbos fazemos.
E eu a faço de perdido
sem ventura,
vençido, que he ja vençido
da vossa gram fermosura.

Mas he muy certo que a vida
que en tays perigos sse ve
nam pode sser nem sse cre
senam que he ja rreperdida.
Tomay as contas na mão
com tal fee,
que este vosso coração
vosso hee.

Anda o esprito em pena
nesta vida, que nom tem
este foguo, donde vem,
que tantos males m'ordena.
Por qu'este mal que m'aqueyxa
nam tem meyo,
mas pois que m'ele nom deixa,
de vos veyo.

Oo coytada d'esperança
que tomou nome de minha,
por que em veruos adeuinha
que mudada days mudança.

Que vos fiz, que vos mereço,
que me days
dores, e dor que padeço
desygoays.

Fym.

Vyrdes vos, ssenhora, a ter
perdam de tantos enguanos
nom ouso nem ssey dizer
que ssois liure de mil anos.
Que segundo o vos fazeyas,
sem nos terdes,
ey medo que nos mateys,
como o ssouberdes.

Fol. 198. pag. 2. col. 1. risquese o titulo, *Cantiga sua a hũa molher*, &c. ate, *na vossa possa morrer*, inclus.

*Cantigua ssua a hũa molher cõ que andaua, a que pedio
hũa cousa, e ela rrespondeo que lha nam queria
fazer por que tynha duas leys.*

Em que me vysséis viuer
em outra ley ateequy,
senhora, como vos vy,
conheçy,
que na vossa ey de morrer.

E poys que já tenho a fee,
senhora, day vos a graça,
qu'as obras forçado lh'ee
qu'em vosso nome as faça.
Pois que nam quero viuer
na ley que tiue atequy,
consenty,
senhora, que des d'aquy
na vossa possa morrer.

E na colu. 3. no titulo, *d'Ayres Telles*, & no fim da mesma columna titulo, *cantiga sua*, &c. se risquem as palauras, *com que andaua*.

Fol. 206. pag. 2. col. 1. Henrique da Mota a Dom
Ioaõ de Noronha, *No veram, &c. risquese ate, a pendenza
que vos deraõ, inclus.*

*D'Anrique da Mota a dom Joam de Norõha, z a dom Ssancho
seu yrmão por que se forã cõfessar a Ssam Bernaldĩ na
metade do verão leuando comssyguo o vigayro
d'Ouidos, que he muyto gordo, z vieram
jãtar a hũ luguar que chamam os
Gyraldos, z nom acharam
vynho pera beber.*

No verão hyr confessar,
na força dos dias grandes,
nam a hy bancos de Frandes
pera tanto arreçar.
O frade muy devaguar,
assentado a seu prazer,
a çegua rregua a cantar,
em tam estar, z ssuar,
ysto he mais que morrer.

Por tanto foy ordenado
o confessar no inuerno,
por qu'o mor mal do jnferno
he sser muyto emcalmado.
Ante sser escomungado
que hyr confessar por calma,
que açaz he gram pecado
ser o corpo mal tratado
com pouco proueito d'alma.

Ora ponhamos que jaa
seja feyta confissam
com muy grande contriçam,
como creio que sseraa.
Vejam os quem poderaa
comprir aguora pendenza,
a qual he cousa tam maa,
que, se n'alma vida daa,
no corpo causa doença.

He hũa cousa muy ssaã
 pera os corrutos aares
 nos dias caniculares
 o beber pela menhaã
 Atouguya ou Lourinhaã,
 Quem nam tiuer Caparica,
 ssobre pera ou maçaã,
 z o al he cousa vaã;
 em ssaluo esta quem rrepica.

E sse disser o contrayro
 esse frade por ventura,
 dizetylhe c'assy sse cura
 o padre do campanayro.
 Por que tem hum bibyayro
 em que rreza ssem periguo
 muyto mays que no rrosayro;
 nam diguays qu'ee o viguairo,
 por qu'eu, senhor, nã no diguo.

Nem eu çerto nam diria
 do senhor vigayro nada
 nem da ssua imbiguada,
 por que m'escomunguaria.
 Mas porem eu juraria
 na ssaya de ssam Bernaldo
 que ja ele rrezaria
 hum rresponso que dizia
 libera me do Giraldo.

In die illa tremenda
 quando for o çeo mouido,
 z o vinho faleçido,
 que nam achem quẽ no vêda,
 nem fiado nem aa tenda,
 Nẽ per força nẽ per rroguo,
 domine michi defenda
 de tam aspera emmenda,
 ante me julgue per foguo.

Açaz gram pendença era
 a que fez vossa merçe,
 querer beber ssem ter que,
 oo que pedença tam fera.
 Ssempre ouuy que nesta era
 he periguo ter barrigua,
 z eu vy na prima vera,
 z no cursso da espera
 c'avyês de ter fadigua.

Vierom do oriente
 tres rreys magos que ssabeys,
 z vos fostes todos tres
 muyto guordos em ponente.
 O frade muyto contente
 na ssua çela muy fria,
 z vos per calma muy quente,
 eu m'espanto çertamente,
 ssayrdes daquele dia.

Fym.

Ora ja vos confessastes,
 goarday vos de jejuñar,
 c'açaz vos deue abastar
 o ssuor que laa ssuastes.
 Por que doulhe que cõtastes
 mays pecados do que eram,
 eu m'afirmo que paguastes
 n'afronta, que la passastes
 a pendeuçã que vos deram.

Fol. 208. pag. 1. col. 2. na estancia *Tomamos outra
 jornada*, tirese o verso,

z na cruz muy marteyrada.

E na pag. 2. col. 1. risquese toda a estancia, *se aueis por
 confissam*, ate, *de chorar*.

Se aveys por confyssam,
 açaz ssam de confessada,
 eu nam como ja çeuada,
 jsto por que ma nom dam.

E tomo por deuaçam
 jejûar,
 poys, quanta por contriçam,
 assaz d'emffadada ssam
 de chorar.

Fol. 213. pag. 2. col. 1. de Manoel de Goies, *Trabalho por me enganar, &c.* se risquem os dous vltimos versos.

que eu sam mays obriguado
 a vos ver qu'aa me saluar.

Fol. 214. pag. 1. col. 3. tirese o titulo, *outra sup a hũa freyra.*

*Outra ssua a hũa freyra que ssem na cõheçer
 lhe mandou hũa escryto por hum moço
 sseu, e ela nam sse assynou.*

Fol. 216. pag. 2. col. 1. (*aliás*, pag. 1, col. 2.) no principio tirese o verso,

mays que o anjo Guabriel,

da estancia que começa atras, *A outra sua igoal, &c.*

Fol. 217. p. 1. col. 2. (*aliás*, fol. 216, pag. 2, col. 3.) da estancia, *os velhos saõ namorados*, se tire o quinto verso,

e os clérigos casados.

Fol. 218. pag. 2. col. 1. (*aliás*, fol. 217, pag. 2, col. 3.) da estancia *porque senhor como fora*, risquese o quarto verso.

cama tal que cada ora.

Fol. 223. (*aliás*, 220) pag. 2. col. 2. Garcia de Resende a hũa mulher, &c. na estancia, *pera que quereis rezar*, risquese este verso com os quattros seguintes.

Para que quereis rrezar
 nem fazedes deuações,
 que obra podeys obrar
 que seja mais de louuar
 que tirardes mil paixões.

Fol. 228. pag. 1. colu. 1. (*aliás*, fol. 222, pag. 2, col. 2) Garcia de Resende a Ioaõ Rodrigues de Saã, *Galâte*, &c. risquese o verso penultimo.

ou Cristos desenssoado.

E na pag. 2. colu. 2. (*aliás*, 3) a Aluaro de Sousa Pagem &c. risquese o vltimo verso desta estancia.

Cristos molhado ã rribeyro.

Fol. 229. (*aliás*, 224) pag. 1. colu. 1. de Garcia de Resende, *pois trocáis a liberdade*, tirese tudo.

*De Garçia de Rresende a Rruy de Fygueyredo Potas,
estando detremynado pera se meter frade.*

Poys trocays a lyberdade
por vyuer sempre sojeyto,
sem averdes saudade
dos amyguos de verdade
vossos sem nenhũ rrespeyto.
S'estais, senhor, de partyda
para entrar em noua vyda,
tomay jsto que vos diguo
como dum vosso amyguo,
grande, fora de medida.

Se determinays vestyr
avyto com seu cordam,
nam aveis nũca de rryr
no moesteyro nã bolyr,
qu'ee synal de deuam.
Dyornal, z breuyayro,
contas pretas, z rrosayro
trazey de cote na mam,
sem rrezardes oraçam
a santo do calandayro.

S'y ouuer deçeprinar,
hy com grande deuaçam,
z depois da casa estar
has escuras açoutar
rryjo, mas seja no cham.

A meude sospirar,
que todos possam cuydar
qu'ee de muyto marteyrado;
assy estareis poupado,
sem vos da rrega tyrar.

Aueys sempre de mostrar
que andais muy mal desposto,
por do coro escapar;
qu'ee gram trabalho rrezar
a quem nyssso nam tem gosto.
E ha mesa jejumhar,
que façays todos pasmar,
mas tereys em vossa çela
mantymmento sempre nela
com que possais jarrear.

Tereys nela putarram
que seja do vosso geyto;
se bater o goardyam
ha porta, darlhe de mam
para debaixo do leyto.
Se vos achar suarento,
dizey que vosso elamento
he estar dessa maneyra;
esta rrega he verdadeyra,
z o al tudo he vento.

Tereys de sso o colcham
jybam, z calças de malha,
casco, luuas, burquelam,
punhal, z espadarram,
chuça, z hũa naualha.
Escada de corda boa,
que suba, z deça a pessoa
segura de nam quebrar,
cabeleyra nam errar,
para cobrir a coroa

Como sa lãa poser,
sahyreis dese fadaíro
vestido como faz mester,
por que entam aveis de ler
polo vosso calandayro.
Por segurar o caminho,
sede amyguo do meirinho,
e do alcayde tam bem,
que nam queyram por ninguẽ
tomaruos no vosso nynho.

Pobreza e castidade
e tam bem obedyençia
dareys ha comonydade,
mas nam tereys caridade,
verdade nem paçiençia.
Trabalhay muyto por hyr
de cas em casa pedyr
c'os olhos postos por terra,
por que assy se faz a guerra
melhor que com bom seruyr.

Para melhor vos saluar,
sede muy mexeryqueyro,
dũs, e doutros mormurar,
e o goardiam louuar
em tudo muy por ynteyro.
Falay mansso, e de vaguar,
e s'ouuerdes de rrezar,
seja alto, e de maa mente,
e fazeyuos muy çyente
por molheres confessar.

Se vos mandarem cauar,
agoar aruores ou varrer,
ser forneyro ou cozinhar,
ou os avytos lauar,
começay loguo gemer.

E dyzey: padre, eu sam
de tam fraca compreysam,
que, nam diguo trabalhar,
mas s'um pouco m'abaixar,
cahyrey morto no cham.

Cabo.

Jsto podereys fazer,
mas o bom que a vyda tem
nam no aueys vos de sofrer,
por jssó antes de ser
frade conselhayuos bem.
Por que quanto bem mereçe
pola vyda que padeçe
o bom frade vertuoso,
tanto o mao rrelegioso
torna atras, e desmereçe.

Fol. 230. pag. 2. colu. 2. (*aliás*, fol. 224, pag. 2, col. 3) hũas que Affonso Valente fez em Thomar, &c. *Pareceis hum*, &c. risquese o 2. verso.

preguador da vyda eterna.

Fol. 231. pag. 2. col. 1. (*aliás*, fol. 225, pag. 1, col. 2) no principio se risque o 5. verso da estancia que começa na pag. precedente, *vi vos na feira*, &c.

Gram sam Joã barba douro.

Fol. 232. pag. 2. col. 1. (*aliás*; fol. 225, pag. 2, col. 2¹) na reposta de Garcia de Resende, da estancia, *pareceis curto Lagarto*, risquese os 3. versos vltimos.

frade que de noyt'acharam,
e com putam amalharam
em trajos de rrefyam.

¹ Não sei explicar os erros destas últimas citações do *Cancioneiro*, que só tem 227 folhas.

Aqui termina a censura ao *Cancioneiro geral*, como se encontra no *Index / Avctorum dñatæ / memorie, / Tvm etiam librorvm, / qui uel simpliciter, vel ad expurgationẽ vsque prohi-/bentur, vel denique iam expurgati permittuntur. / Editvs avctoritate / Ill.^{mi} Domini D. Ferdinandi Martins Mascaregnas / Algarbiorum Episcopi, Regij status Consiliarij, ac Regno-/rum Lusi/taniæ Inquisitoris Generalis. / Vlyssip. cū facult. Ex officina petri Craesbeck. 1624. — Parte II, pags. 346 a 349.*

Na censura de 1624 limitou-se o censor inquisitorial a suprimir versos, estâncias, ou até composições inteiras, mas não se atreveu a introduzir modificações nos versos, como fez Fr. Bartolomeu Ferreira às *Obras* de Gil Vicente. Era portanto uma censura mais justa, pois que ela terá o direito de suprimir as passagens ou obras consideradas inconvenientes, mas modificar, deturpar o sentido dado pelo autor à sua composição, não tem autoridade para fazer.

Dois pontos principais atacou a censura: as composições desonestas; as ofensivas da Igreja ou do clero. Não a posso pois arguir; estava absolutamente dentro na sua alçada; posso unicamente discordar dos seus rigores nalguns casos.

O primeiro verso mandado suprimir, *si mirais quien es mi dios*. é perfeitamente inofensivo. Como este muitos outros: *nem por graça divinal; que queria deus eternal; o três em uma pessoa*, e por aí além até quasi ao fim.

Outros porém foram suprimidos nos quais existe, na verdade, ofensa à religião. A *Cantiga de Antão de Montoro em louvor da rainha D. Isabel de Castela* é, sem dúvida, afrontosa. A mistura do divino e do profano nos *Ditos da Paixão para matarem uma mulher*, obra de Rui Moniz, é inconveniente; já porém só há crítica à vida monástica e não à religião, nas trovas do mesmo autor a *Três freiras dum mosteiro*. A *Confissão* de João Gomes,

da Ilha, é também, sob o ponto de vista da censura, bem suprimida, pôsto que não seja tam ofensiva. E por aí fora, pois não devo estender mais a apreciação, deixando-a ao critério do leitor.

Quanto às composições desonestas há supressões dignas de inteiro aplauso, as daquelas onde se empregam palavras mal soantes, ou se fazem descrições ou alusões claras a actos libidinosos; existem porém outras composições, que se me afiguram menos merecedoras de tam grave castigo.

Cencordo em que o mereceram, apesar de todo o espirito por elas espalhado, as trovas do Coudel mor às *Damas por que deram a uma em casamento o sexo de D. Lucrécia*. Já não concordo com a supressão doutras do mesmo Coudel mor, Fernão da Silveira, homem presenteiro e folgazão, dirigidas a sua cunhada *que lhe mandou uma escrevaninha francesa, que trazia o cano no tinteiro, tudo junto pegado*. Estas podiam ser lidas pela mais recatada donzela, sem nelas encontrar maldade, podendo só sentir-se ofendida no seu respeito pelo Culto com a alusão ao mistério da Encarnação. E, quem sabe? talvez fôsse só por isto que o censor inquisitorial mandou suprimir as trovas.

Não insistirei na apreciação da censura, pois que o meu fim, ao ler à Classe esta comunicação, de trabalho quási só material, é de proporcionar aos estudiosos meio de apreciarem o critério dos censores inquisitoriais em matéria de composições *de graças e zombarias*, como elles próprios lhes chamavam.

E também para se ver a que ficaria reduzido o *Cançãoeiro Geral*, no caso de se ter pensado em fazer dele uma nova edição.

PLEASE DO NOT REMOVE

THIS POCKET

Anselmo
cancioneiro

TO LIBRARY

PQ Braamcamp Freire, Anselmo
9149 A censura e o cancioneiro
R42B7 geral

UTL AT DOWNSVIEW



D RANGE BAY SHLF POS ITEM C
39 11 15 10 04 047 0